



## CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS

Martinho Manuel Sicó<sup>1</sup>  
Georgia Maria Feitosa E Paiva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo visou compreender sobre as crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe. Tendo em vista a diversidade linguística do país, marcada por conflitos históricos, regionais, culturais, econômicas e sociais desta população, partimos da hipótese de que as referidas línguas estão passando por um processo de estigmatização por parte dos falantes mais jovens. A investigação qualitativa, exploratória e descritiva passou por duas etapas, a primeira foi uma revisão bibliográfica de estudos na área, entre eles, destacamos: BACILA (2015); GOFFMAN (2008); COUTO (2010); EMBALO(2008); SICO, M. Manuel (2021); MELO (2000); e a segunda consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas com 25 estudantes guineenses dos grupos étnicos Felupe e Pepel com idades entre 18 e 36 anos. Os resultados demonstraram que 24 dos 25 entrevistados demonstraram que mantêm uma forte relação afetiva com as línguas étnicas, que são faladas especialmente em ambientes privados, com parentes e amigos mais próximos perante a convivência.

**Palavras-chave:** Guiné-Bissau; Pepel; Felupe.

---

Unilab, Instituto de IH, Discente, anhorividicboy10@gmail.com<sup>1</sup>  
Unilab, Instituto de IH, Docente, georgiafeitosa@unilab.edu.br<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

Para a realização deste projeto, nos debruçamos nos estudos sobre estigma, incorporando os aspectos sociais, históricos, linguísticos, econômicos e culturais a partir dos escritos de Erving Goffman, na sua obra *Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Além de Goffman, trabalhamos com Zélia Maria de Melo (2000), Carlos Roberto Bacila (2015) que nos convidaram a discutir sobre a formação e o papel do estigma na sociedade, na medida que podemos entender como é que esse processo de estigma se alastra nas convivências do nosso cotidiano em diferentes camadas sociais.

Com esta pesquisa, poderemos realizar um estudo mais profundo sobre a construção das crenças entre os jovens guineenses e, a partir de suas falas, conseguiremos verificar se de algum modo eles percebem essas línguas como estigmatizadas. Vale ressaltar, que esta pesquisa terá caráter inovador, pois não encontramos livros dos autores guineenses que falam sobre esta temática, e este projeto de pesquisa servirá como uma das produções acadêmicas essenciais sobre a sociedade guineense.

Vale ressaltar que as pessoas constroem as suas crenças e estigmas envolvendo as línguas que falam e suas próprias etnias. Portanto, buscamos compreender os possíveis processos que poderão contribuir para o desuso destas línguas étnicas, por isso, partimos da hipótese que essas línguas estão sendo cada vez menos faladas pelos jovens, tendo em vista que as percebem como manifestações estigmatizadas sedimentadas na cultura da sociedade guineense sobre as línguas étnicas pepel e felupe. Caso nossa hipótese se confirme, pretendemos descrever os possíveis aspectos que contribuem nesse processo de estigmatização dessas línguas, identificando os traços históricos de cada etnia na composição dessas línguas, no âmbito de compreender esse dinamismo socio cultural.

Esta pesquisa trará benefícios sociais, pessoais e científicos. No que diz a respeito nossa temática de pesquisa que é o processo de estigmatização das línguas étnicas Papel e Felupe na Guiné-Bissau, esta investigação se destaca, pois não encontramos trabalhos que falam acerca dessas temática, além disso, podemos mencionar o ganho social com esta pesquisa, tendo em vista que o povo guineense poderá ter acesso a um material de consulta a respeito dessas línguas étnicas, entendendo mais a respeito de suas formas de manifestação e sobre como os falantes pensam a respeito delas, e este material poderá ser acessado por sujeitos de outras nacionalidades, como sabemos de que hoje em dia à uma diversidade enorme no campo acadêmico, em que tem pessoas que uma outra realidade sem conhecer o próprio país em que ele pretende fazer a pesquisa.

Nossa pesquisa também agregará às ciências humanas, pois daremos ênfase ao uso de línguas muitas vezes inviabilizadas como as línguas Felupe e Pepel, que muitas vezes estão condicionadas a processos históricos e sociais de estigmatização de seus povos.

### **Línguas étnicas**

Uma língua étnica é aquela que é associada a um grupo étnico em particular e frequentemente desempenha um papel importante em sua identidade cultural. Essas línguas são diferentes das línguas predominantes ou oficiais de um país e são frequentemente transmitidas de geração em geração dentro da comunidade étnica.

A Guiné-Bissau é um país com muitas línguas étnicas é com base neste aspecto que é considerado rica nas suas diversidades culturais, e as representações dessas línguas étnicas no território guineense faz com que não perdemos as nossas identidades culturais.

Segundo Cá e Rubio (2019), há mais de 20 grupos étnicos. Seis desses grupos totalizam mais de 80% do total populacional, são eles: as fulas com 20%, os balantas com 30%, as mandingas com 13%, os manjacos com



14% e os papeis com 7%.

Na representatividade da identidade étnica é vigente na nomeação das línguas, sendo assim, a língua dos balantas se chama balanta, das fulas é fula, das mancanhas é o mancanha, dos papeis é pepel, dos felupes é felupe, dos manjacos é manjaco, dos nalus é nalu, é assim sucessivamente. E através dessas diversas línguas é que compõem o território nacional de Guiné-Bissau, e todas essas línguas étnicas são faladas em diferentes partes do território nacional em que cada grupo étnico está inserido.

As línguas étnicas podem ser ameaçadas de extinção à medida que as gerações mais jovens começam a adotar línguas majoritárias ou oficiais em vez de suas línguas étnicas. Muitas vezes, esforços são feitos para preservar e revitalizar essas línguas por meio de programas educacionais, documentação linguística e promoção da cultura étnica.

As línguas estão intimamente relacionadas às suas etnias, mas falar uma língua pode ser considerada como uma forma de afiliação a uma identidade cultural e/ou regional.

Historicamente, os pepeis e felupes conservam as suas línguas étnicas no âmbito de não perderem as suas identidades culturais porque isso é uma das formas de união e representação na esfera da sociedade guineense, e mediante estas realidades podemos ver que essas duas línguas étnicas são conservadas até hoje.

## **METODOLOGIA**

Vamos realizar uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Trata-se de uma pesquisa exploratória, pois pretendemos conhecer sobre o nosso objeto de estudo, e a partir dessas informações poderemos descrever como as línguas étnicas são representadas pelos participantes.

### **PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: DEFINIÇÃO DO CORPUS**

Serão considerados corpus desta investigação os dados orais colhidos em entrevistas com sujeitos adultos. Serão entrevistados estudantes universitários da Unilab nascidos em Guiné-Bissau, cujas etnias sejam: Pepel e Felupes.

Para a coleta desses dados estão sendo realizadas entrevistas com estudantes guineenses da Unilab dessas duas etnias, e por este motivo adotamos um roteiro de entrevista semi-estruturado pelo esperamos que os entrevistados expressem a sua relação afetiva com as línguas étnicas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entrevistamos 25 falantes, 11 são da língua felupe e 14 são falantes da língua pepel. Os resultados que obtivemos até neste dado momento, foi as análises das falas dos falantes das referidas línguas étnicas que demonstraram as suas relações afetivas perante as suas línguas étnicas.

E através dessas análises podemos perceber que de certo modo, alguns falantes das referidas línguas étnicas sentem algum desconforto ao falar as referidas línguas em lugares públicos, preferindo falar as línguas somente com familiares ou amigos mais próximos.

De acordo com os entrevistados, podemos compreender que essas pessoas tem um relação afetiva positiva com as suas respectivas línguas étnicas até porque, em alguns momentos ele/as falam diariamente essas línguas nas ligações internacionais que realizam para suas famílias. Observamos que a grande maioria dos entrevistados que fala diariamente sua língua etnica é natural de localidades do interior da Guiné Bissau.

Embora haja uma relação afetiva positiva pelo laço familiar que a língua mobiliza, também podemos

perceber que os entrevistados relataram algum nível de desconforto ou constrangimento por parte de outros guineenses, pois eles associam os falantes pepeis e felupes a “pessoas do interior”. Tal constatação evoca um preconceito linguístico e social restrito a ambientes públicos de interação, especialmente fora do Brasil. Podemos ver que essas pessoas valorizam suas línguas étnicas e se preocupam se vão saber falá-la para seus descendentes, tendo em vista a propagação do guineense e do uso do português como língua oficial. Os entrevistados entendem essas línguas como um patrimônio cultural da Guiné Bissau, na medida que isso demonstra como existe uma diversidade linguística de grande relevância perante a sociedade guineense.

## CONCLUSÕES

Embora ainda em andamento, esta investigação que teve como objetivo compreender sobre a construção das crenças que os jovens guineenses têm a respeito de suas línguas étnicas, em especial as línguas Pepel e Felupe, já traz alguns resultados importantes, dentre eles, podemos destacar a língua étnica como:

- a) língua afetiva: pepeis e felupes consideram suas línguas étnicas como línguas afetivas faladas exclusivamente com familiares, especialmente os mais velhos, e em contextos de interação privada.
- b) patrimônio cultural: a língua é vista com valor para eles, que deve ser transmitido para as próximas gerações e deveria ser mais preservado por iniciativas culturais e governamentais.
- c) marcador identitário: em contextos de interação pública, especialmente nos espaços guineenses, as línguas pepel e felupe sinalizam seus falantes como nativos de localidades distantes da capital, o que pode gerar...
- d) mote para o preconceito linguístico: não ser natural de Bissau, falar felupe ou pepel em lugares públicos, especialmente na Guiné Bissau, “chamam a atenção” de modo que seus falantes se sentem desconfortáveis e às vezes constrangidos.

Com base nesses achados, acreditamos que este trabalho contribuirá para os estudos das ciências humanas e sociais, assim como para linguística e a história, além disso, consideramos que a sociedade guineense poderá se beneficiar dos resultados deste estudo para a implementação de políticas nacionais de valorização da identidade étnica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Unilab pelo financiamento da pesquisa intitulada CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS e executada entre 01/10/2022 e 30/09/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e Tecnológica (Pibiti), da Unilab.

Agradeço à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) pelo financiamento da pesquisa intitulada CRENÇAS DE JOVENS GUINEENSES SOBRE LÍNGUAS ÉTNICAS, que na qual estou vinculado atualmente.

## REFERÊNCIAS

- BACILA, Carlos Roberto. Criminologia e Estigmas: um estudo sobre os preconceitos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- COUTO, Hildo Honório; EMBALO, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné- Bissau. Revista Brasileira de estudos Crioulas e Similares, v. 10, 2010.
- EMBALO, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. Revista



Papia, v. 18, p. 101-107, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigmas: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deterioradas. 4.Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MELO, Zélia Maria. Os estigmas: a deterioração da identidade social. 2000. Disponível em:<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

SICÓ, Martinho Manuel. Crenças de jovens guineenses sobre línguas étnicas. Acarape. 2021.

